

## A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO:

### Questões sobre o pensar filosófico

---

Yvisson Gomes dos Santos (UFAL) - zeugma\_mcz@hotmail.com

#### RESUMO:

O presente artigo levanta considerações acerca do pensar filosófico dos alunos do ensino médio. A ideia é abordar quais os caminhos para que este pensamento se efetue de fato. O sujeito passa por crises que são inerentes a modernidade, e, passar por elas nos leva a afirmar que a crise seja algo fundante e necessária ao processo de maturação intelectual e humana dos indivíduos. A filosofia pensa esse sujeito produzindo outro ato que é o ato reflexivo. Este se volta para si, se distancia, mas tem retorno garantido e, graças ao pensamento, a reflexão se estabelece. O aluno, participe do *socius*, efetivamente passa por esta crise, pois ela é também inerente a ele, e poderá ser despertado pela função precípua da filosofia que é a de propor a não-conformação com o *status quo* estabelecido, vindo a questioná-lo.

**Palavras-chave:** Filosofia; Ensino Médio; Sujeito; Pensar.

#### PHILOSOPHY IN HIGH SCHOOL:

#### QUESTION ON THE PHILOSOPHICAL THINKING

#### ABSTRACT:

This article raises considerations about philosophical thinking to high school students. The idea is to address what paths to make this thought. The subject goes throughout crises that are inherent to modernity, and go through them leads us to say that the crisis is something foundational and necessary to the progress of intellectual and human maturity of individuals. Philosophy thinks those individuals producing another act that is the reflexive act. This turns to itself, moves away, but has a guaranteed return and, thanks to thinking, reflection is established. The student, participant in the *socius*, effectively passes through this crisis, because it is also inherent to it, and may be awakened by the primary function of philosophy which is to propose the non-conformity to the status quo established, come to question it.

**KEYWORDS:** Philosophy; High School; Subject; Thinking.

## 1- Introdução

O presente artigo apresenta-se a partir de alguns questionamentos: o que é o pensar filosófico? E como esse pensar pode ser útil ao aluno da disciplina de filosofia do ensino médio? E mais: o pensar da filosofia é o do pensar filosofando?

A palavra **pensamento** segundo o dicionário Larousse: **1.** “o ato ou faculdade de pensar. **2.** O que se pensa; ideia, reflexão [...] Conjunto dos fenômenos cognitivos” (1992, p. 851).

Pincemos, a princípio, uma das palavras que nos guiará no transcurso do presente artigo, graças à definição da palavra **pensamento**, que é a da **reflexão**. Refletir é voltar-se para si, retomar um tema, uma ideia, uma proposição e pensá-la, elaborá-la precipuamente. Aos discentes do ensino médio, como sujeitos que pensam, esse mecanismo cognitivo é imprescindível para o saber filosófico. Pois o lugar em que eles se encontram, lugar privilegiado demanda aprendizagem e motivação para compreender e apreender conceitos. Não se pode deixar de dizer, que a disciplina de filosofia busca unir a autonomia intelectual do aluno com a cidadania que será despertada graças aquela. E isso poderá se dar, *a priori*, com o advento da **suspeita**. Para tal empreendimento, recorre-se a autores que abordam a filosofia no ensino médio, tais como Gallo (2007), Lima (2001), Saviani (2000), Severino (2009), dentre outros.

## 2- O pensar filosófico e o sujeito que pensa: desdobramentos

O sujeito moderno, ou o sujeito do “*Penso, logo existo*”, lembrando-nos aqui de Descartes, vive em um dilema próprio de seu momento: compreender o meio que o circunda em meio a uma crise que cria novos paradigmas. A modernidade apresenta crises, no qual coube a filosofia um papel peculiar de:

elucidar o homem em seu ser total, consciente do fundamento único de sua existência, e portanto capacitado a desmascarar todos os

# Debates em Educação

pseudo-absolutos que encontra. Ela é um arauto da liberdade, por que a filosofia só terá cumprido a sua tarefa quando a liberdade for o seu objeto e sua alma (OLIVEIRA, 1989, p.172).

Entendemos os paradigmas como modelos que a ciência moderna se utiliza para demonstrar se uma dada teoria é verdadeira, em detrimento de outras que já não conseguem se sustentar. Ou seja, tudo passa a ser verificável e interpretado pela experiência. Desse modo, a própria crise nasce dessa mutabilidade de verdades que são colocadas à prova, restando ao sujeito acolher ou não as teorias que lhe são impostas.

Pode-se dizer que a modernidade encontra ancoradouro na “ruptura com a tradição que leva à busca no sujeito pensante, de um novo ponto de partida alternativo para a justificação do conhecimento” (MARCONDES, 1994, p. 20). Com essa perspectiva e, de acordo com o autor, vivemos um “paradigma subjetivista na epistemologia” (*Ibid*, p. 20). Vivemos em constantes modelos de epistemologias que se modificam, passam a ser demonstráveis ou não, restando ao sujeito rever seus conceitos de mundo pela ótica paradigmática que se apresenta como verificável, ou pelo orbe da falseabilidade.

Desde a criação da Metafísica pelos gregos, indo aos medievos e culminando na época moderna, nada é seguro de se afirmar contundentemente (Cf. MORIN, 2000), nada é infalível como se pensava ser a Metafísica de outrora, e desta sorte nada na atualidade é circunstanciado em plenitude, mas sim, contingencial e fugidio. Desta sorte, o sujeito entrou em crise, e a filosofia, sendo aquela que pensa o sujeito (frisa-se!), teve de se superar, de encontrar saídas conceituais para uma **práxis** possível, quer dentro da academia, quer dentro do ensino médio, agora como disciplina obrigatória: “IV- serão incluídas a Filosofia e a Sociologia como *disciplinas obrigatórias* em todas as séries do ensino médio” (LDB, 2008, p.12, grifo nosso).

O que se quer dizer dessa crise, especificamente em relação ao papel da filosofia, é de que através de suas experimentações conceituais e ideológicas, ela obteve perdas e ganhos consideráveis. Pode-se dizer de perdas, pela incapacidade do indivíduo de considerar a disciplina de filosofia como algo de que possa contribuir para

## Debates em Educação

o construto intelectual e à vida do sujeito. Ainda se alega ser a filosofia uma disciplina ideológica, acumulativa de teorias que não tem função prática e objetiva naquilo que dizem ser uma “disciplina que serve de vetor para *aumentar a pregação ideológica da esquerda*, que já beira a calamidade nas escolas” (CARELLI; SALVADOR, 2011, p.92, grifo nosso).

Por outro lado, na vertente dos possíveis ganhos, temos a filosofia como àquela que não somente visa questionar o mundo como parte de uma *physis* ou de teorias do conhecimento (epistemologias), mas que busca a autonomia intelectual e cidadã do sujeito. E isso se dará com o pensamento crítico e argumentativo. Salientamos que o que se tem pensado da filosofia no ensino médio atualmente refere-se a uma sistematização e competência desta disciplina como “condições indispensáveis para a formação da cidadania plena” (PCN, 1999, p. 328). Desde quando ela foi adicionada ao currículo das escolas do ensino médio, observou-se também dentro da perspectiva de sua interdisciplinaridade a observação do caráter reflexivo e racional inerentes à mesma. A filosofia passou de disciplina temida, aviltada pela época da ditadura militar, para continuar sendo uma disciplina que tende a fazer o sujeito pensar, refletir, agora com uma “liberdade” de atuação frente às questões filosóficas que são colocadas no meio das relações humanas, e são essas relações que estabelecem a manutenção ou não de um determinado *status quo*, questionando-o: articulação inerente ao filósofo ou ao estudante da disciplina de filosofia.

Entra-se com algumas questões: a disciplina de filosofia do ensino médio deve propor aos alunos a filosofar, ou apenas estudar a filosofia? Outra: é possível essa disciplina no ensino médio engendrar no discente uma construção crítica que vise a uma possível autonomia intelectual? Caso a resposta a essa pergunta seja afirmativa, de quais vértices se articularão essa construção crítica através do pensar filosófico? Sabendo-se, de saída, que “*la réponse est le malheur de la questions*”<sup>1</sup> (BLANCHOT, 1969, p. 15), tentaremos trazer algumas possíveis respostas.

---

1- “A resposta é a desgraça da pergunta” (tradução livre).

## Debates em Educação

Podemos afirmar que a separação entre filosofia e filosofar é perturbadora. Por que então? Esta premissa, na atualidade, é falsa, pois não se devem separar essas duas instâncias do processo de ensino-aprendizagem na disciplina de filosofia, podendo ocorrer uma cisão dispensável que poderá comprometer a compreensão desta disciplina enquanto articulável, fluídica, questionadora e, por que não dizer, formadora de opinião. Estamos de acordo com Aspís quando diz:

[...] não é possível desunir filosofia de filosofar pois os dois são uma mesma coisa. O filosofar é uma disciplina no pensamento que ao ser operada vai produzindo filosofia e a filosofia é a própria matéria que gera o filosofar. São indissociáveis. A matéria filosofia separada do ato de filosofar é matéria morta, recheio de livro de estante. Para a filosofia ele tem que ser reativada, reoperada, assim reaparecendo a cada vez mais (ASPIS, 2004, p. 77).

Outra questão é a de que a estrutura teórica da filosofia tem como um dos seus pressupostos a crítica e a clareza de argumentos. Não se pode pensar em articular o pensar filosófico sem essa díade. Ora, desde a formação da civilização ocidental já se tentava argumentar sobre o mundo e as coisas que nele existiam. A *physis*, o componente primeiro ou primordial de tudo que circundava o mundo (a água, o fogo, o ar etc.), levou o homem a inquirir sobre a cosmologia das coisas existentes, na objetivação de compor argumentos válidos, e, claro, de também, enunciar dúvidas frente ao que se pensava.

Pode-se aferir que a gênese da filosofia enquanto discurso epistemológico teve o seu valor de estatuto de cientificidade por estudar os entremeios do mundo natural. Algo que a física e a matemática fazem com tranquilidade na atualidade (ou seja, as ciências naturais são devedores diretos dos filósofos pré-socráticos e de toda uma teoria formulada precipuamente através destes, mesmo que em germen). Com a visão antropológica, de Sócrates em diante, o que era especulativo à natureza, tornou-se especulativo ao homem. Essa descida do *cosmos* ao *ántropos* deu a filosofia uma especificidade mais abrangente.

Dessa perspectiva, o ser humano tornou-se a questão filosófica principal. Daí, ao ceticismo, estoicismo, epicurismo, à escolástica, ao criticismo, ao pragmatismo, ao

## Debates em Educação

existencialismo, dentre outros, o ato de filosofar, na lembrança de Bochenski (1973, p. 15), citando Aristóteles, fora visto pela seguinte vertente. Mesmo que a citação seja extemporânea, a ideia é atual, a saber: “ou se deve filosofar, ou não se deve filosofar. Se não se deve filosofar, isto só é em nome de uma filosofia. Portanto, mesmo que não se deva filosofar, deve-se filosofar”. Isso significa dizer que o filosofar é inerente a quem faz uso da filosofia, ela nasceu com essa “responsabilidade” que é de fazer com que o sujeito, utilizando-se dos assuntos inerentes da filosofia, filosofe.

É intrínseco à filosofia o ato de filosofar, não podemos nos apartar dessa relação, pois ela nos é imanente. De acordo com Saviani (2000, p. 23), a filosofia produz crises que devem ser pensadas e compreendidas, pois elas fazem parte do cerne da história humana. Entretanto, a crise do homem, despertada através da filosofia, é convertida em problema, desperta a reflexão, isto é, o “ato de retomar, reconsiderar os dados disponíveis, vasculhar numa busca constante de significado, pois quando essa reflexão se torna radical, rigorosa e global, nasce a filosofia”. A filosofia nasce deste intento, de gerir um expediente que é o da reflexão.

A reflexão poderá induzir ao ato de pensar filosoficamente, pois ela traduz na estrutura cognitiva do sujeito o voltar-se para si. O pensamento crítico deve ser estimulado aos discentes da disciplina de filosofia, no intuito de colocar em ação o ato de pensar filosoficamente, fazendo assim que os alunos despertem sua consciência crítica e humanizada. Desta feita, estou de acordo com Lagueaux (*apud* LORIERI, 2002, p. 54) quando afirma:

Ensinar os estudantes a filosofar é convidá-los a pensar por eles mesmos, sugerindo-lhes não esquecer, no momento de fazê-lo, certos dados que os filósofos, os cientistas, os artistas procuraram esclarecer e que dão à questão toda a complexidade como toda a sua dimensão. Ensinar a filosofar não é, então, apenas a tomar consciência das questões fundamentais em toda a sua amplitude, mas é, também, sugerir elementos de solução; é elucidar noções ambíguas; é lembrar de modo pertinente a ‘*démarche*’ de determinado filósofo no momento em que ele encontra uma questão claramente colocada por todos; mas é sempre ajudar o estudante a ver mais claro em sua própria situação.

## Debates em Educação

“Ver mais claro sua própria situação”, segundo o autor, é também de observar que as questões que são desenvolvidas no entorno da disciplina de filosofia no ensino médio deve, precipuamente, tentar resolver aquilo que muito incomoda e circunda a realidade dos discentes, a saber, que é a compreensão dos mesmos através da leitura de teorias e de **práxis** (conjugadas) que são reveladas pelos conceitos filosóficos, dando-as a possibilidade de estudar esses conceitos com vias a autonomia intelectual e cidadã desse sujeito. O professor, como facilitador do conhecimento, tem iminente responsabilidade nesse ato do fazer pensar a filosofia aos seus alunos, de ampliá-lo mostrando vertentes desconhecidas no saber/fazer da regência, induzindo, assim, a autonomia intelectual dos mesmos. E como isso se dará? Pelo questionamento. Pode-se dizer que através dos questionamentos propostos pela filosofia, o posicionamento do discente frente ao seu mundo, que não seja de um mero expectador, mas sim de um sujeito que inquirir e levante apontamentos sobre os conceitos que a disciplina de filosofia:

justifica-se plenamente na formação do adolescente, e sua presença faz-se absolutamente imprescindível no currículo do ensino que lhe é destinado. Essa presença justifica-se em decorrência da própria condição da existência humana, condição que se constrói através de suas mediações históricas, através do desenvolvimento cultural das pessoas (SEVERINO, 2009, p. 17).

Não deixando de ressaltar que a filosofia “é um processo de pensamento, de reflexão, de indagação que busca esclarecer o sentido de todos os objetos de nossa experiência, mesmo quando já significados pelo senso comum ou pelas ciências” (SEVERINO, 2009, p. 26). Ou seja, aos alunos do ensino médio ela deve produzir inquietação que induz a esclarecimentos, nela o sujeito encontra-se inserido no contexto da indagação, onde o lugar das questões rasas são substituídas pelas perguntas de tom mais exigente, sabendo que a origem provém de *suspeitas*, e é assim que se aprende a filosofar.

A disciplina de filosofia no ensino médio deve propor ao discente certa forma de olhar, através de uma visão macroscópica, mas não deixando de aludir à perspectiva microscópica dos conceitos.

## Debates em Educação

Pode-se dizer que os manuais que são utilizados nas salas de ensino têm, a princípio, essa novidade. Qual seja? De propor ao leitor dos mesmos a incursão pela observância da crítica que induz a crise. Não nos esquecendo que a palavra crítica significa antes de qualquer coisa “dizer o que é em vista do que *ainda* não pode ser” (NOBRE, [s.d], p. 7), ou seja, pela crítica temos uma antevisão do presente, dos seus potenciais com fins a diagnosticar o tempo em devir, e dele se levantar questões necessárias.

Sabemos que existe uma relação etimológica entre as palavras crítica e crise, que vem “do grego *krisis* significando separação, escolher, reparar, julgar, ou seja, situação embaraçosa, crise” (LAROUSSE, 1992, p. 145). Essa crítica-crise deve ser demonstrada como anteparo aos conceitos que orbitam as epistemologias (separando-os, escolhendo-os criticamente), como os da Verdade, do Belo, da Ética, da Política, dentre outros. E isso se dará no sentido de não somente esquadriñar tais temas ao investigador-arqueólogo, mas de preferir compreender que os “enigmas délficos”, propostos pela filosofia, nada mais são que agregados a premissas que se desdobram em sentenças, e que desta feita forma um encadeamento lógico, que por sua vez faz com que o entendimento daqueles temas sejam regidos por uma estrutura lógica através de categorias, de predicados e de silogísticas, assim como pretendia Aristóteles em seu *Órganun* (2010).

O exposto acima é uma fração entre muitas que se poderia conjecturar sobre a apreensão dos conceitos filosóficos. A lógica aristotélica, imbuída de seus silogismos, mesmo que haja uma reavaliação da mesma por outras vertentes lógicas consideradas contemporâneas (Cf. WHITEHEAD, 1947), ainda assim, permanece quase inalterada, qual seja a de propor a investigação dedutiva e/ou indutiva dos conceitos filosóficos. Essa forma de conceber a filosofia é entendida como a *teoria da coerência* que:

Também utiliza o conceito da conexão necessária do ‘envolvimento’ ou ‘implicação lógica’. A proposição verdadeira ou conjunto coerente de proposições se define em função desses conceitos, e os critérios se expressam nos seguintes termos: 1) cada proposição do conjunto envolver as demais proposições do conjunto; 2) cada proposição do conjunto que estiver envolvida por uma proposição que pertença ao

## Debates em Educação

conjunto pertencer ela mesma ao conjunto. Uma preposição é verdadeira se, e só se pertencer a um conjunto coerente (GILES, 1983, p. 36).

A implicação acima demonstra que a silogística filosófica necessita de coesão e coerência que induz ao raciocínio e sua logicidade. Algo que permeia nas discussões teóricas da filosofia que é a pertença de qualquer objeto estudado através do enquadre em que se prevaleça o *logos*, e que por este o sujeito possa fazer articulações, através de um conjunto coerente, pelo pensamento e seus desdobramentos, a saber: a linguagem, a dedução e indução, as hipóteses, as premissas, proposições verdadeiras ou falsas, dentre outras. Mais uma articulação filosófica que propõe os caminhos do pensar em filosofia aos discentes, desta feita, arquitetado pelo aparato da lógica.

E fazer com que o aluno, nas possibilidades cognitivas do mesmo, consiga reavaliar e reafirmar os conceitos assimilados em sala de aula da disciplina de filosofia, no que se observa a uma estruturação epistêmica e lógica, que ele venha agregar os desafios que devam ser difundidos em sala de aula, com aquilo ele vê, lê, observa no tocante a busca de uma criticidade, necessita de uma investigação e/ou reflexão racional das construções teóricas que foram passadas extemporaneamente e contemporaneamente pelo ofício de filósofos que pensaram conceitos, mas não vazios, na lembrança mais uma vez de Kant. Essa necessidade diz que o ensino de filosofia deve se respaldar nos domínios dos conhecimentos que causem problemas, e destes problemas transformações no processo educativo do discente. O ato de filosofar induz ao pensamento. E que tipo de pensamentos é esse? Citando Lima:

Exercer o pensamento como atividade inventiva na ordem dos problemas, das regras e dos conceitos: o pensamento como criação. Esta é umas das possibilidades do ensino da filosofia: experimentar novas relações com os seres, construir novas composições; o pensamento como plano de composição onde as relações e os pensamentos se constroem e se desconstroem [...] a filosofia formula os conceitos adequados à contemplação, à reflexão, à comunicação, onde o conceito impede o pensamento de ser uma simples opinião; o conceito é o que faz pensar em domínios heterogêneos (LIMA, 2000, p. 2001).

## Debates em Educação

Os conceitos nascidos da filosofia, tendo como vetores o pensamento e a reflexão, induzem o sujeito à formulação de problematizações de temas hodiernos. De acordo com o autor acima, essa metodologia de problematizar os conceitos perpassa pela via da criação e pelo processo comunicativo, isso tudo em diversas instâncias pela via dos *domínios heterogêneos*. Essa heterogeneidade alude, ao nosso entender, a proposição de que a filosofia, enquanto produtora e formadora de questionamentos (de possíveis respostas, em meio as dúvidas), deverá transitar por elementos do *senso comum* e por concatenações filosóficas mais elaboradas, bem como por diversas disciplinas das ciências humanas, e com essa aproximação deverá fazer interseção, palavra tão bem difundida na atualidade, de epistemologias que ora se aproximam, ora se distanciam, mas que promovem o elemento axial que é o pensar. Pensar filosoficamente requer também interdisciplinaridade.

### 3 - Caminhos para o ato do pensar: últimas observações

Chegamos a um momento em que necessitamos compreender os caminhos pelos quais o aluno do ensino médio da disciplina de filosofia terá de caminhar para desvendar o ato abstrato do pensar filosoficamente.

Podemos dizer que o pensamento se encontra na articulação do experimentar, mas que nessa experiência é visada a novidade, o que vem a ser notável, pois “pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo – o novo, o notável, o interessante, que substituem a aparência de verdade e são mais exigentes que ela” (DELEUZE; GUATARI *apud* GALLO, 2007, p. 26). As questões que são propostas na filosofia têm uma perspectiva ora linear, ora transversal. A primeira reproduz certa historicização da filosofia, dando enfoques ao construto muitas vezes adotados em antigos manuais escolares discriminados pelas filosofias antiga, medieval, moderna e contemporânea. Já a transversal, de acordo com Gallo, dá conta de um todo, tanto do ponto de vista histórico, mas também do pensamento conceitual, do caráter dialógico e de uma crítica radical (Cf. GALLO, 2007).

Busquemos mais detalhes sobre esses três princípios que caracterizam a filosofia aos alunos do ensino médio. Pergunta-se: e como se apresenta o pensamento

## Debates em Educação

filosófico ao aluno do ensino médio? Como se pode discriminá-lo didaticamente? De acordo com Gallo existem três categorizações, a saber,

1 – trata-se de um pensamento conceitual: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a filosofia [...] é que ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos [...]

2 – apresenta caráter dialógico: ela não caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta [...]

3 – possibilita uma postura crítica radical: a atitude filosófica é a de não-conformação, do questionamento constante, da busca das ideias das coisas, não se contentando com respostas prontas e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas (*Ibid*, 2007, p.22).

Esses apontamentos acima mostram a complexidade do fazer filosófico, do processo reflexivo que é o de dissolver paradigmas dentro da filosofia, dos traçados dogmáticos, mas como experimentação, e propor uma radicalização que passa mais uma vez pela crítica, sempre na atenção do perigo a respostas prontas ou apressadas, pois o indivíduo deve desconfiar destas.

Observa-se que a crítica proposta pelo autor acima citado retoma um outro questionamento que é a busca de ideias nos quais “o significante ‘crise’ habita o discurso, tanto do senso comum, como dos códigos teórico, político e social” (DAUSTER, 1994, p. 79-80), e por que não dizer do educacional, e indo além do filosófico.

Já que a crise fora anunciada, devemos observar que ela denota cisão com um *status quo* estabelecido, que sempre cria, a partir dela, novos paradigmas em um encadeamento contínuo. Sendo esses paradigmas produtos das revoluções científicas, tais como a copernicana, e de outras que nasceram através da crise da ciência (Cf. KUHN, 1962).

Filosofar é fácil, pois parte-se do princípio de que para entender o mecanismo desse princípio o sujeito deverá colocar em questão dilemas já instituídos na constituição de significantes que possam dá conta da complexidade dos *topoi*

## Debates em Educação

filosóficos. Ora, para isso deve haver uma modificação na estrutura integral do estudante de filosofia naquilo que abrange a independência de pensamento (pensar criticamente), bem como a concatenação entre o teórico que deve está entrelaçada com o processo intelectual,

que leva o educando daquilo que Heidegger chama de 'existência inautêntica' à 'existência autêntica', a reconhecer que o próprio saber é resultado de condições, da facticidade histórico-social do seu ser-no-mundo, da existência concreta, pois toda a codificação do saber é portadora de determinada visão do mundo" (DAUSTER, 1994, p. 34).

Deve-se, nesse ínterim, observar que o processo intelectual pode passar por um processo avaliativo da existência no *ser-no-mundo* heideggeriano (no sentido do mundo em que se é, o quem é no mundo, e o modo de ser em si mesmo), que se traduz em trocas simbólicas, no sentido de abstratas, onde o lugar do aluno neste *ser-no-mundo* (para ilustrar) se converte de uma posição de um mero expectador para a de um observador/questionador de sua existência. Por exemplo, pensemos no tema da Verdade, em que o discente deve se sentir livre para pensar esse conceito, no qual se pode objetivar a sua apreensão como, metaforicamente, na lembrança de rendas de bilros, o do trançar tal conceito dando-o forma e escopo filosófico, a tudo isso se deve adotar uma atitude de análise que se deve perpassar por diversos processos, a citar: avaliar, ponderar, pesar, equilibrar, entender, elaborar, presumir a Verdade e seus desdobramentos. Tais expedientes têm a finalidade de compreender qual o papel do aluno no mundo, na sua existência frente ao tema da Verdade, a saber: qual a Verdade que o perscruta? Qual a sua identidade com essa Verdade relacionando-a com a sua existencialidade? Dentre outras questões.

A escansão da palavra filosofia ainda nos remete às suas origens: *filos* (amizade) e *sophia* (sabedoria). O objetivo é ir um pouco além, a de encarar que esse consórcio traduz uma relação de amizade ao saber, e de que este saber se inscreve em uma possível análise filosófica. Parte-se do princípio de que esse analisar (verbo no infinitivo) adita critérios de defectibilidade, que de acordo com Giles (1983, p. 23)

## Debates em Educação

busca-se “analisar conceitos tais como causa, número, existência, experiência, que se encontram em todos os ramos do pensamento ou ao menos em extensas regiões dele”. Cabe ao aluno, juntamente com o professor de filosofia, empreender o expediente de se utilizar de argumentos filosóficos aspirando ao *influxo de ideias* que deve nascer dessa relação dialética. Possivelmente o aluno requeira respostas (e elas serão bem vindas), mas o que amiúde implicará é a pergunta seguida do argumento e do processo ideativo que, desta feita, se dará, a partir de temas filosóficos, a verdadeira amizade à sabedoria.

#### 4- Conclusão

Partimos da noção de que o sujeito moderno encontra-se em crise, e que esta desperta nos mesmos a crítica. A filosofia deve ser aquela, como disciplina do ensino médio, que proponha discussões através da crítica, e isso se dará com o ato do pensar filosófico. O pensamento que argumenta, que é induzido por *suspeitas* e que faz com que o sujeito nasça ontologicamente pelas mãos da amizade a sabedoria, esses são os próprios fundamentos do pensamento filosófico. O aluno do ensino médio também é esse sujeito que se encontra imiscuído na articulação do saber/fazer filosofia.

A disciplina de filosofia propõe, através da reflexão, uma radicalização no pensar, que fará com que os que participem dessa manifestação cognitiva encontrem sua autonomia intelectual e sua cidadania. Não se deixou de pontuar que a clareza de argumentos é imprescindível para o aluno que se debruça nos conceitos propostos pela filosofia, tanto os conceitos universais, quanto os particulares. Os caminhos para esse ato cognitivo não é simples, mas podem ser ressignificados no processo de maturação do discente frente às questões filosóficas, e claro que isso se dará na relação do aluno com o professor de maneira contumaz.

# Debates em Educação

## Referências

- ARISTÓTELES. **Órganun**. 2 ed.. Bauru, SP: Edipro, 2010.
- ASPIS, R. P. L. **O professor de filosofia: o ensino de filosofia no ensino médio como experiência filosófica**. Cad. Cedes, campinas, vol 24, n. 64, p. 305-320, set/dez, 2004. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 10 de maio de 2013.
- BLANCHOT, M. **L'entretien infini**. Paris: Gallimard, 1969.
- BOCHENSKI, J. M. **Diretrizes do pensamento filosófico**. São Paulo: HERDER, 1967.
- BRASIL. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- CARELLI, G.; SALVADOR, A. **É de enlouquecer**. In: *Revista Veja*. São Paulo, 2011.
- DAUSTER, T. **Navegando contra a corrente? O educador, o antropólogo e o relativismo**. In: BRANDÃO, Z. (Org). *A Crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1994
- GALLO, S. **A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade**. In.: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (Orgs). *Filosofia no ensino médio*. São Paulo: Loyola, 2007.
- GILES, T. R. **Filosofia da educação**. São Paulo: EPU, 1983.
- KUHN, T. **A Estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 1962.
- LAROUSSE. **Dicionário de Língua Portuguesa**. São Paulo: Nova Cultural LTDA, 1992.
- LIMA, W.M. **Considerações sobre a filosofia no Ensino Médio brasileiro**. In.: GALLO, S; KOHAN, W. O (Orgs.). *Filosofia no Ensino Médio*. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2001
- LORIERI, M. **Filosofia: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002
- MARCONDES. D. **A crise de paradigmas e o surgimento da modernidade**. In.; BRANDÃO, Z (Org). *A Crise dos paradigmas e a educação*. São Paulo: Cortez Editora, 1994.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo Cortez Brasília, UNESCO, 2000.
- NOBRE, M. **A teoria crítica**. 3º ed. São Paulo: Zahar [s.d.], Coleção Filosofia Passo a Passo.
- OLIVEIRA, M.A. **A filosofia na crise da modernidade**. São Paulo: Loyola, 1989.

# Debates em Educação

POPPER, K. **A Lógica da Pesquisa Científica**. São Paulo: Cultrix, 2007.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 33.ª ed. revisada. Campinas: Autores Associados, 2000.

SEVERINO, A. J. **Desafios atuais do ensino médio**. In.: TRENTIN, Renê; GOTO, Roberto (Orgs). *A filosofia e seu ensino: caminhos e sentidos*. São Paulo: Loyola, 2009.

WHITEHEAD, A. N. ***Essays in Science and Philosophy***, New York: Philosophical Library, 1947.